

Processos psíquicos em contexto de contemporaneidade: repercussões na clínica e na formação psicanalítica¹

Almira Correia de Caldas Rodrigues*

Carlos de Almeida Vieira**

Resumo

Os autores propõem uma reflexão sobre processos psíquicos em contexto de contemporaneidade e suas repercussões na clínica e na formação psicanalítica. Para tanto, estabelecem conexões entre realidade social e realidade psíquica, elencando dois processos inter-relacionados para a discussão: A falência/enfraquecimento da função paterna (falta/déficit de limites); e a expansão/fortalecimento de novas territorialidades psíquicas, com destaque para os estados/estruturas limítrofes (borderline). Levantam as repercussões desses aspectos na clínica, destacando que a relação analítica possibilita uma experiência do exercício da liberdade sem transbordamentos e neutralidades excessivas. Esta experiência constitui uma alternativa para subsidiar a elaboração dos conflitos ditos da pós-modernidade à medida que se coloca como nova possibilidade de resignificação e reestruturação psíquica. Nessa medida, afirmam a importância da formação analítica em bases científicas, epistemológicas, metodológicas e filosóficas.

Palavras-chave: psicanálise, formação analítica, contemporaneidade, limite, borderline.

O presente texto, de caráter exploratório, visa a suscitar algumas reflexões sobre a clínica e a formação psicanalítica a partir de alguns processos psíquicos típicos da contemporaneidade. Parte-se do pressuposto, em sintonia com diversos autores (Ferro, 1998; Green, 1990; Figueiredo, 2003), que a clínica na atualidade apresenta especificidades e se diferencia da clínica clássica que fundamentou a criação e o desenvolvimento da psicanálise no século XX.

* Socióloga e Doutora em Sociologia pela Universidade de Brasília - UnB. Analista em formação pelo Instituto de Psicanálise Virginia Leone Bicudo da Sociedade de Psicanálise de Brasília.

** Membro Titular e Analista Didata da Sociedade de Psicanálise de Brasília. Membro Titular e Analista Didata da Sociedade Psicanalítica do Recife - Núcleo Psicanalítico de Aracaju.

¹ O presente texto foi apresentado como Tema Livre no XXIII Congresso Brasileiro de Psicanálise – Limites: Prazer e Realidade, realizado em Ribeirão Preto – SP, de 07-10 de setembro de 2011.

Realidade Social e Realidade Psíquica

Iniciamos a nossa reflexão pontuando algumas características da sociedade contemporânea e seus impactos sobre o psiquismo, sistematizadas pelas autoras Haydée Christinne Kahtun e Gisela Paraná Sanches (2009, p.301-303). No que se refere à sociedade moderna, nomeada por diversos autores de pós-modernidade, destacam as seguintes características: globalização; incremento da velocidade; acirramento da competitividade; falência ou liquefação das instituições; era de incertezas, aumento da instabilidade, maior imprevisibilidade; crescimento da violência, pulverização da violência (terrorismo); dissolução da diferenciação clara entre papéis e funções; fim das utopias; estímulo exacerbado ao consumo; imediatismo; ausência da função paterna (anomia); individualismo; ameaça iminente de catástrofes ambientais.

As autoras levantam os impactos de cada uma dessas características sobre o psiquismo, aqui elencados conjuntamente: sensação de controle diminuída, difusão da sensação de impotência, ansiedade aumentada, aumento da pressão, ampliação do sentimento de insegurança, incremento da inveja, perda das referências, crescente dificuldade nos processos identificatórios, crise de valores, potencialização do desamparo, propagação do medo, abalo da confiança, maior número de traumas (em função do despreparo); aumento da dificuldade na definição de contornos do self, desesperança, dificuldade no estabelecimento de projetos de futuro, esvaziamento no sentido da vida, sentimento de vazio interior, sentimento de tédio, sentimento de inutilidade, ilusão de alcance da felicidade, completude ou superioridade através do consumo, aumento do consumo para preencher sentimento de vazio interno, crescente dificuldade de fazer escolhas, depressão, aumento da dificuldade de suportar frustração, aumento da solidão, ausência da lei (psicopatia, tendência anti-social, delinquência), tendência à simbiose, ameaça física e psíquica.

Segundo Carmen da Poian (2001):

“O sujeito de hoje guarda uma nostalgia quase melancólica das marcas de um absoluto que não há mais e de garantias da verdade que se perderam. Vivemos em um mundo desencantado e experimentamos atualmente o mal-estar nascido dos vazios provocados pela ausência de Deus, de fé e de lei. As noções de paternidade e maternidade encontram-se em crise, ocasionando um mal-estar social, psíquico e biológico provocado pela falta de contornos e de limites, o que ocasiona a força da violência pulsional. (p. 12)

Essas observações mostram e apontam para questões relativas a vazios de identidade e de identificações e de falta de verdades simbólicas. Citando Zigmunt Bauman, a autora fala de um mundo pós-moderno como mundo das incertezas onde se trocou a ordem e a segurança pela busca do prazer e da liberdade individuais.

A partir dessas considerações, destacamos dois fenômenos psíquicos para a

discussão: a falência/enfraquecimento da função paterna, que pode ser traduzida pela idéia da falta/déficit de limites; e o crescimento/fortalecimento do estado/estrutura borderline, traduzido pela idéia de nova territorialidade psíquica, um espaço “entre” a neurose, a perversão e a psicose, um fenômeno típico e expressivo da atualidade.

Não se trata de traçar determinações entre realidade social (seja em sentido micro-familiar ou macro-societal) e realidade psíquica e sim de observar suas convergências e conexões. Nesse sentido, podemos estabelecer mediações entre os movimentos de afrouxamento da lei e o curso mais livre das pulsões sexuais e agressivas; e também entre os movimentos de flexibilização e fluidez de papéis e funções, e trânsito/circulação entre as estruturas clássicas – neurose, perversão e psicose – e a constituição e desenvolvimento de novas territorialidades psíquicas como borderlines, fronteiros, traumatizados, falsos-self, somatizadores, adictos e de transtornos alimentares.

A concomitância desses processos nos instiga a pensar sobre suas relações, ou seja, em que medida a falência/enfraquecimento da função paterna contribui para o crescimento e fortalecimento de estados/estruturas limítrofes e vice versa.

Limites como fronteira

A idéia da atualidade como um tempo de falta/déficit de limites é bem expressa na noção de ausência e enfraquecimento da função paterna e das instituições. Pensar limite como fronteira, como interdição externa (autoridade – lei) e/ou interna (superego), abre para pensarmos diferentes repercussões: desde um engessamento psíquico a um crescimento mental (Freud, 1924). Estas possibilidades (engessamento e crescimento) são um contínuo e não se apresentam bem delimitadas e de uma vez por todas, mas tendem a ocorrer em trânsitos, alternâncias e mesmo, misturas.

Freud, no *Mal-estar da civilização* (1930), desenvolve a idéia da importância da função paterna e das instituições como fundamentos civilizatórios, os quais contêm, no sentido de barrar, as pulsões sexuais e, principalmente, as pulsões agressivas. No final da vida, tornou-se mais descrente desses fundamentos e também dos efeitos da psicanálise.

A partir dessas observações, podemos nos questionar em que termos o limite pode constituir-se como produtivo e criativo, como elemento de crescimento mental. Podemos pensar em um “limite suficientemente bom”, em um cotejamento com a noção winnicotiana de “mãe suficientemente boa”? Em que consistiria um “bom limite”? Como pensar o resgate da interdição em bases não deficitárias nem excessivas, considerando como ponto de partida a multiplicidade/diversidade de sujeitos, de psiquismos e de contextualidades?

Se a colocação de limite é uma função essencial e que estrutura os sujeitos, igualmente o são as funções de acolhimento e de abertura de horizontes. Historicamente, a função de acolhimento foi vinculada à figura materna, e as outras duas – colocação de limites e abertura de horizontes – foram vinculadas à figura

paterna. Nas sociedades contemporâneas, com a flexibilização e intercomunicação dos territórios masculino e feminino, ambas as figuras, materna e paterna, passam a assumir funções essenciais para o desenvolvimento do ser humano, quais sejam, realizar o acolhimento, colocar limites e abrir horizontes. Estas funções ganham sentido quando realizadas conjuntamente e a ausência de qualquer uma tem o poder de produzir repercussões psíquicas significativas.

Assim, o acolhimento sem colocação de limites abre para processos perversos e psicóticos. Por outro lado, a colocação de limites sem abertura de horizontes produz frustração infértil, e, conseqüentemente, neuroses. Já a colocação de limites, acompanhada de amorosidade (respeito e reconhecimento) e de perspectivas (substituições e deslocamentos) abre para a possibilidade de processos de integração psíquica, de fortalecimento do ego e de expansão da capacidade de pensamento. É importante destacar que esta composição limites-amorosidade-perspectivas não elimina os conflitos, mas coloca a possibilidade de seu enfrentamento de forma dialógica e construtiva.

O limite colocado nestes termos aponta para uma dimensão de reflexividade, que, paradoxalmente, também é uma característica das sociedades contemporâneas à medida que promovem a flexibilização de modelos e padrões de inserção e de relacionamentos, possibilitando que cada sujeito, sem desconsiderar patamares comuns de convivência, possa construir suas regulamentações privadas, libertando-se de padrões pré-estabelecidos, de histórias e destinos pré-traçados.

Freud, em seu texto *Formulação sobre os dois princípios do funcionamento mental* (1911), estabelece a distinção entre o princípio do prazer e o princípio de realidade, os quais regem os processos psíquicos primário e secundário, respectivamente. Fala da importância da frustração para que aconteça o movimento de busca de satisfação real no mundo real. Só então se instaura a substituição paulatina do princípio do prazer pelo princípio de realidade, que se afirma a partir do desenvolvimento de várias funções do ego (consciência dos órgãos sensoriais, atenção, notação, memória, avaliação de juízo, o agir, processo de pensar). Freud destaca que o princípio de realidade não se coloca como oposição ao prazer, mas garante a sua continuidade mediante processos de substituição e de adiamento, via implicação e fortalecimento do ego. Posteriormente, Freud (1933), na Conferência XXXI - A dissecação da personalidade psíquica, estabelece como uma das funções da psicanálise o fortalecimento das funções do ego:

“Seu propósito [intentos terapêuticos da psicanálise] é, na verdade, fortalecer o ego, fazê-lo mais independente do superego, ampliar seu campo de percepção e expandir sua organização, de maneira a poder assenhorear-se de novas partes do id. Onde estava o id, ali estará o ego. É uma obra de cultura – não diferente da drenagem do Zuider Zee.” (p.102)

Nessa medida, podemos nos perguntar quais os limites para a busca e realização do prazer. Se por um lado, tais limites são individuais e singulares, por outro, existe

um mínimo comum para a convivência em sociedade. A instrumentalização do Outro para o próprio prazer alude a práticas perversas e à cultura do narcisismo. Já um contexto de realidade externa com predominância de situações de interdição e privação abre para o sofrimento psíquico dos estados de inibição e depressivos, somatizadores e psicotizantes.

Limites como território

Jorge Luis Borges, em sua Antologia Pessoal (2008), no belo poema “Limites” escreve:

(...)

*a Quem prefixa onipotentes normas
e uma secreta e rígida medida
às sombras, e aos sonhos, e às formas
que tramam e destramam esta vida.*

*Se para tudo existe regra e usura
e olvido e nunca mais e última vez,
quem nos dirá a quem, a esta altura,
sem perceber, já dissemos adeus?*

(...) (p. 80)

O conteúdo dos versos citados de Borges alerta para a total obstrução da expansão de uma mente em formação por uma rigidez (defensiva). Uma personalidade em crescimento precisa de um limite com certa elasticidade e também de cuidados com os impulsos de transbordamentos e transgressões.

Wilfred Bion (1961), em sua teoria do pensamento, expande as noções freudianas contidas nos dois princípios do funcionamento mental. O pensamento e a capacidade para pensar são noções dos dois autores para dar uma saída à frustração, ou a falência da realização alucinatória do desejo. Bion postula que desenvolver um aparelho para pensar os pensamentos na vigência de uma frustração ou de uma não realização da pré-concepção, torna a mente capacitada para adiar, postergar e criar medidas criativas ao invés de usar a mente para forçar o mecanismo de identificação projetiva maciça no sentido de não tolerar o ódio à frustração e, ainda, a fantasia onipotente para não se submeter ao princípio de realidade. Aí podemos pensar que acontece uma área limítrofe entre a neurose e a psicose. Se a mente puder sofrer e criar dentro da frustração pode dar mais expansividade e elasticidade ao Eu no sentido de renunciar ao prazer imediato e acreditar (Fé) na possibilidade de mudanças internas e de alterações no mundo externo para obter, quem sabe, a gratificação.

Pensar é simbolizar, é adiar, e, sobretudo, colocar num espaço sofrido da “ausência do seio” uma alternativa criativa, um sonho, a arte e todo o tipo de elemento sublimatório. Já a impossibilidade de pensar aponta para o reforço das identificações

projetivas e a alucinação, no sentido de manter a realização alucinatória do desejo, a manutenção do princípio do prazer.

A noção de Limites aponta para a noção de des-limites; a idéia de limites também vai em direção à atual preocupação dos analistas a respeito dos pacientes limítrofes ou personalidades limítrofes. André Green (1990), em suas Conferências Brasileiras sobre Metapsicologia dos Limites, nos enriquece quando enfatiza que limítrofes não podem mais ser entendidos como fronteira e sim como território. Isso nos alenta quando pensamos que uma alternativa para subsidiar a elaboração dos conflitos ditos da pós-modernidade é a experiência analítica; a relação analítica, enquanto nova possibilidade de resignificação e reestruturação psíquica, possibilita a experiência do exercício da liberdade sem transbordamentos e neutralidades excessivas.

Green (op.cit.) fala dos casos limites como uma estrutura autônoma e relativamente estável. A desorganização dos limites, para além da relação do ego com o objeto, atinge o interior do próprio aparelho psíquico, ocorrendo uma “permeabilidade excessiva” entre ego, o id e o superego. As angústias predominantes são as de separação e de intrusão, as quais correspondem, respectivamente, às angústias de castração e de penetração que predominam nas neuroses. O autor destaca, ainda, o aspecto de indeterminação dos estados borderline, como se os diversos núcleos (neuróticos, perversos, psicóticos) disputassem a totalidade da estrutura psíquica no interior do continente, podendo resultar em depressão, perversão, toxicomania, psicose.

Green, nesse artigo, desenvolve a idéia de como o conceito de limite enquanto delimitação perpassa a obra freudiana, ressaltando a preocupação paradigmática de Freud com as questões de delimitação das diversas instâncias da personalidade psíquica. Observa que pensar territorialidades em termos psicanalíticos demanda uma visão dinâmica e é por serem “espaços animados por movimentos” que ocorrem deslocamentos de fronteiras. Onde podemos concluir que a perspectiva de fronteira e a perspectiva de território apontam para reciprocidades, à medida que novas territorialidades se fazem acompanhar de novas fronteiras e estas, por sua vez, apontam para a possibilidade de emergência de novos territórios.

Clínica e formação psicanalítica

A partir das reflexões apresentadas, podemos nos perguntar como a clínica e a formação psicanalítica podem acolher pacientes com problemáticas ligadas a estes dois fenômenos característicos da atualidade – falência/enfraquecimento da função paterna e emergência e expansão de estados/estruturas limítrofes.

No que se refere à falta/déficit de limites (falência/enfraquecimento da função paterna) a idéia de setting na clínica possibilita aos pacientes vivenciar uma nova experiência de limite, que possa contribuir para organizar e delimitar afetos e estados. O setting alude à afirmação de limites, ainda que estes possam ser

relativizados a partir do estilo de cada analista, da história/estrutura do analisando e da singularidade do par analítico. Antonino Ferro (1998), em seu livro *Na sala de análise*, ressalta a idéia de setting como um continente capaz de elasticidade e absorção para possibilitar operações transformadoras. Distingue suas faces nomeando os quadrantes do setting como: um conjunto de regras formais (os invariantes do contrato que constituem uma proteção tanto para o analista quanto para o paciente); a “condição mental do analista” (o analista, sendo permeável e receptivo, tem uma situação mental continuamente perturbada e continuamente restabelecida); rupturas de setting por parte do paciente (alerta para a riqueza comunicativa dessas rupturas); e ruptura de setting – formal ou substancial – por parte do analista (ressalta que são absolutamente a evitar e igualmente inevitáveis). Assim, constata-se que o autor incorpora na própria noção de setting a sua ruptura, apontando para a capacidade do analista lidar e elaborar a ruptura, seja oriunda do paciente ou de si próprio. É nessa medida que se instaura um processo analítico amplo, dinâmico, acolhedor e transformador.

No que se refere a pacientes limítrofes, o processo analítico exige uma função analítica correspondente. Luís Claudio Figueiredo (2003) destaca que o trabalho com “pacientes difíceis”, entre eles o *borderline*, exige uma “modulação” em que se preservam aspectos essenciais a serem combinados com uma grande maleabilidade operacional. Observa que o confronto terapêutico com as cisões e dissociações deste tipo de paciente, bem como com o caráter oscilante de suas posições subjetivas, exige muita continência e uma técnica e ética excepcionais: “O *borderline* é aparentemente inclassificável e desconcertante. Ele toca e solicita o analista em regiões obscuras e confusas de sua mente e de seu corpo, gerando afetos pouco disciplinados e inteligíveis.” (p.111).

Ressaltando a importância de uma “presença implicada e ao mesmo tempo reservada” do psicanalista no processo analítico, o autor destaca que a clínica *borderline* exige uma estável maleabilidade por parte do analista, e que esta característica pode mobilizar muita inveja, raiva, expectativa ilimitada de amor e também um frio desprezo por parte dos pacientes. O autor reporta-se a Sándor Ferenczi – que desenvolveu estudos com pacientes nomeados de graves à medida que apresentavam comprometimentos na produção de processos simbólicos e de associações livres – como o grande mestre da elasticidade da técnica. As autoras Kahtuni e Sanches (op. cit.), por sua vez, destacam a modernidade e atualidade das idéias de Ferenczi, frisando o seu pioneirismo quanto ao trabalho clínico psicanalítico com pacientes traumatizados, e quanto ao questionamento do papel do analista no processo terapêutico e inauguração do modelo intersubjetivo de ciência no campo da psicanálise.

Em uma perspectiva restrita, pensar em limite é pensar em norma, em normatizar com vistas à não existência de áreas de conflitos. No entanto, é da natureza/ condição humana a existência dos contrários, a obediência e a transgressão, o amor e o ódio: a evidência da pesquisa psicanalítica freudiana – a existência da pulsão de

vida e da pulsão de morte. Daí o próprio Freud ter chamado a atenção para “civilizar as pulsões”. É inexorável que a força que tenta a manutenção do princípio de prazer não admite o limite, a norma. Ainda que o Eu tenha a função de elastecer o seu espaço em busca do prazer, o outro princípio, o princípio da realidade, se impõe exigindo dele (Eu) que busque novas alternativas e não permita que a parte psicótica force além da elasticidade do limite.

Green, ao colocar o conceito de limite como um “território”, nos instiga a pensar a questão da expansão na clínica e, conseqüentemente, o fato de o psicanalista passar a conviver dentro do território limítrofe do analisando. Essas reflexões nos levam a pensar, por sua vez, algumas questões relativas à formação dos analistas, entre elas:

- ultrapassar a postura diagnóstica, positivista, herdada da medicina e da psicologia médica.

- desenvolver disciplina metodológica que afaste o “vício” de psicanalizar como ação curativa, normatizadora.

- aprofundar a experiência de análise pessoal, elaborando angústias primitivas, narcísicas, pré-edípicas no sentido de dar espaço criativo diante e no convívio com analisandos pré-psicóticos, limítrofes e psicóticos para que os mesmos possam, dentro da experiência transferencial-contratransferencial, ter uma outra oportunidade de simbolizar e pensar angústias e experiências impensáveis.

- abrir espaços para estudos e teorizações sobre as “novas territorialidades psíquicas” - borderlines, fronteirços, traumatizados, falsos-self, somatizadores, adictos e com transtornos alimentares.

Partindo do pressuposto que nos dias atuais há uma carência da função de simbolização, da experiência criativa da frustração e da trágica experiência de não ter tido objetos de identificação que favoreçam a experiência de ter um Eu mais coeso, somos levados a conjecturar sobre a necessidade de cuidar mais da pessoa do analista, esperando que o mesmo tenha sensibilidade e capacidade de reflexão ainda maior da função analítica.

Vivemos num mundo da praticidade, do utilitarismo, do consumismo e de promessas “messiânicas” de prazer. Em um contraponto à predominância dessas práticas e ideologias, é fundamental que os psicanalistas possam preservar os fundamentos científicos, epistemológicos, metodológicos e filosóficos da psicanálise. Nesse sentido, é um grande desafio construir diálogos e mediações entre estes fundamentos e a reflexão sobre as especificidades e mudanças próprias dos tempos atuais e dos tempos por vir.

Abstract

Psychic process in the context of contemporary society and its impact on clinical and psychoanalytic training

The authors propose a reflection on the psychic processes in the context of contemporary society and its impact on clinical and psychoanalytic training. To this end, they establish connections between the social and psychic realities, listing two interrelated processes for discussion: the failure / weakening of the paternal function (lack of limits), and the expansion / strengthening of new psychic areas, especially for borderline configurations. The authors discuss the relevant impact in the clinical environment, noting that their proposed analytic relationship is consistent with the exercise of freedom without excessive overflow or neutrality. This represents an alternative framework to understand the so-called pos-modernity conflicts as it allows for a new approach to psychic reframing and restructuring. To that extend, it also points to the importance of psychoanalytic training firmly based in scientific, epistemological, methodological and philosophical analysis. Key words: psychoanalysis, psychoanalytic training, contemporary society, limit, borderline.

Referências

Bion, Wilfred R. (1961). *Uma Teoria do Pensar. Estudos Psicanalíticos Revisados*. Rio de Janeiro: Imago. 1988.

Borges, Jorge Luis. (1996). *Antologia Pessoal*. São Paulo: Companhia das Letras. 2008.

Da Poin, Carmen. (2001). *A Psicanálise, o sujeito e o vazio contemporâneo*. In: Da Poin, Carmen (org.). *Formas do Vazio – Desafios ao sujeito contemporâneo*. São Paulo: Ed. Via Lettera.

Ferro, Antonino (1998). *Na sala de análise: emoções, relatos, transformações*. Rio de Janeiro: Imago.

Figueiredo, Luis Cláudio. (2003). *Psicanálise: elementos para a clínica contemporânea*. São Paulo: Escuta.

Freud, Sigmund. (1911). *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental*. In: *O Caso de Schreber, artigos sobre técnicas e outros trabalhos*. Ed. Standard Brasileira, vol. XXII, Rio de Janeiro: Imago. 1976.

_____. (1924). *A dissolução do complexo de Édipo*. In: *O Ego e o Id e outros trabalhos*. Op. cit., vol. XIX.

_____. (1930). *O mal-estar da civilização*. In: *O futuro de uma Ilusão – O Mal Estar na Civilização e outros trabalhos*. Op. cit., vol. XXI.

_____. (1933). *A dissecação da personalidade psíquica (Conferência XXXI)*. In: *Novas Conferências Introdutórias*. Op. cit., vol. XXII.

Green, André (1990). *Conferências brasileiras de André Green: metapsicologia dos limites*. Rio de Janeiro: Imago.

Kahtuni, Haydée Christinne; SANCHES, Gisela Paraná (2009). *Dicionário do Pensamento de Sándor Ferenczi – Uma contribuição à clínica psicanalítica contemporânea*. Rio de Janeiro: Elsevier; São Paulo: Fapesp.

Almira Correia de Caldas Rodrigues
SHIS QI 09, Bloco E-I, sala 209 – Ed. Centro Clínico do Lago
71.625-009 – Lago Sul – Brasília/DF
Telefone: (61) 9296-2890
almira.rodrigues@gmail.com

Carlos de Almeida Vieira
SHIS QI 09, Bloco E-I, sala 310 – Ed. Centro Clínico do Lago
71.625-009 – Lago Sul – Brasília/DF
Telefone: (61) 3248-2502
almeida55@hotmail.com